



**Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em Literatura e
Crítica Literária da PUC-SP**

nº 21 - dezembro de 2018

<http://dx.doi.org/10.23925/1983-4373.2018i21p247-264>

Uma ecologia de dragões

An ecology of dragons

Giovanna Chinellato*
Ricardo Gaiotto de Moraes**

RESUMO

O dragão sobrevoa a humanidade desde a Idade Antiga; ele faz parte de mitos e histórias do Ocidente e do Oriente, do Antigo e do Novo Mundo; rastejou pela cultura de sociedades que, supostamente, nunca se encontraram – da asteca à chinesa, da nórdica à hinduísta. Para Smith (1919, loc 1980), o dragão vem refletindo os medos e aspirações da humanidade por mais de cinquenta séculos, pois desenvolveu-se com a própria civilização. Este artigo analisa a representação de dragões notáveis de diversos períodos e observa que existe um paralelo entre o imaginário acerca dos dragões e a relação do homem com a natureza.

PALAVRAS-CHAVE: Dragões; Ecocrítica e Literatura; Natureza; Fantasia

ABSTRACT

Dragons have been flying over mankind since ancient times; they have been part of myths and histories – from East and West, from the Old and the New World; they crawled across the culture of societies that supposedly never met – from the Aztec to the Chinese, from the Nordic to the Hindu. Smith (1919, loc 1980) believed dragons have reflected mankind's fears and aspirations for the last fifty centuries, for they evolved along with civilization itself. This paper investigates the representations of notable dragons from different eras and concludes that there is a connection between the collective imaginary about dragons and men's relationship with nature.

KEYWORDS: Dragons; Ecocriticism and Literature; Nature; Fantasy

* Universidade de São Paulo – USP; Departamento de Letras Modernas; Programa de Pós-Graduação em Letras Estrangeiras e Tradução – São Paulo – SP – Brasil – giovanna.chinellato@usp.br

** Pontifícia Universidade Católica de Campinas – PUC-Campinas; Faculdade de Letras; Programa de Pós-Graduação em Linguagens, Mídia e Arte – Campinas – SP – Brasil - rgaiotto@gmail.com

Humanos são contadores de histórias. Eles contam sobre seus heróis, seus medos, seus romances. E nessas histórias existe muito sobre o próprio humano. Hoje, pode-se entrar numa livraria e descobrir o que a sociedade tem lido. As narrativas que encontram maior ressonância no público, em geral, são as daqueles títulos mais vendidos. O fascinante é que as histórias mais difundidas mudam com o tempo, mesmo quando ainda não existiam livrarias e quando as narrativas eram transmitidas oralmente. Houve um tempo quando se contavam histórias de deuses; um tempo, de heróis; um tempo, de cavaleiros; um tempo, de mistérios; um tempo, de utopias; um tempo, de distopias.

Apesar de estruturas e temáticas diferentes, é possível analisar como essas narrativas se transformaram com o tempo a partir de uma linha condutora que pode ser um ponto de partida para perceber como a própria sociedade se transformou. Um personagem que poderia ser tomado como linha condutora, tendo em vista sua recorrência nesses relatos produzidos há milênios, é o dragão. As narrativas de dragão acompanham a humanidade desde, pelo menos, a antiga Babilônia, e difundiram-se para todos os continentes do planeta, sobrevivendo, e popularizando-se, até a atualidade.

Um dos aspectos mais antigos e regulares presentes nas narrativas de dragões é o olhar. O próprio termo dragão, originando-se do grego *drakon*, remete a “monstro dos olhos cruéis” (WATKINS, 2000, p. 16)¹. Na narrativa de Leviatã, da Bíblia hebraica², apenas o movimento de olhar para o dragão podia paralisar alguém de medo. Em narrativas mais recentes, como nas de J. R. R. Tolkien³ e Ursula K. Le Guin⁴, encarar os olhos de um dragão pode levar à loucura. Porém, quando se permite olhar, quando se permite encarar o olhar do dragão, o que se vê é o próprio reflexo.

E, ao dispor as narrativas de dragão de forma cronológica, esse reflexo acaba por figurar um histórico da relação do homem com o meio natural a ponto de que o dragão, como este artigo busca mostrar, passa a ser quase uma metáfora da natureza. Os primeiros dragões como Tiamat e Leviatã eram monstros que, assim como a natureza, tinham tamanho poder que só podiam ser vencidos pelos deuses. Na Idade Média, os grandes heróis lendários como Beowulf, Sigurd e São Jorge passam pela provação de

¹ No original: "monster with the evil eye", tradução nossa.

² *Livro de Jó*, Séc.VI A.C.

³ *The Hobbit*, 1937.

⁴ *Earthsea cycle*, 1964 – 2014.

vencer dragões pela força, superar o selvagem, aquilo que ameaça a ordem da civilização⁵.

Após o Iluminismo, quando a natureza começa a ser explicada pelo viés da ciência, o dragão ganha voz e pode ser vencido pela inteligência humana, como em *The Hobbit*, de Tolkien (1937). No século XX, as narrativas de dragão começam a ser permeadas pelas ideias de manipulação genética com as obras de Anne McCaffrey (1967)⁶ e, posteriormente, extinção, sendo os dragões animais dominados que podem ser usados de montaria, como no *Ciclo da herança*⁷, de Christopher Paolini (2002-2011). No final do século XX e início do XXI, o dragão torna-se vítima e precisa ser salvo por crianças em narrativas infanto-juvenis⁸, um paralelo com o discurso ambientalista sobre a esperança nas novas gerações. O grande medo dos olhos do dragão, portanto, na atualidade ao menos, pode ser o de encarar o próprio reflexo e, talvez, não gostar do que se vê.

É possível, assim, encontrar na imagem do dragão um fio condutor para a compreensão do imaginário humano por meio de suas histórias, um ponto de partida para refletir sobre esse próprio imaginário e o tratamento dispensado à natureza e todas as suas criaturas. Para este fim, foi realizado um levantamento de narrativas de dragão e compiladas diferentes perspectivas sobre sua transformação.

A partir dessa pesquisa, ficaram evidentes seis períodos-chave: (1) Antiguidade: dragão-mítico associado ao divino, vencido apenas por deuses; (2) Idade Média: dragão-lendário inimigo da sociedade, selvagem, vencido apenas pela força por grandes heróis; (3) Séculos XIX e início do XX: dragão-personagem inimigo, dotado de fala, malévolo, vencido pela inteligência; (4) Meados do século XX: dragão-personagem poderoso, nem mau nem bom, que pode ajudar humanos escolhidos; (5) Final do século XX e início do XXI: dragão-montaria, domado, controlado, usado para os fins humanos; (6) Século XXI: dragão que é protegido por crianças, precisa de ajuda para sobreviver ao inimigo homem.

⁵ As narrativas aqui mencionadas serão mais bem exploradas a seguir.

⁶ Série *Dragonriders of Pern*, cuja primeira obra foi publicada em 1967.

⁷ Publicado de 2002 a 2011.

⁸ Tais narrativas serão abordadas posteriormente.

1 Dragões e natureza

O transcendentalista Henry David Thoreau, que viveu de 1845 a 1847 na floresta às margens do lago Walden, nos EUA, inicia seu ensaio *Walking* (“Caminhando”) dizendo: “Quero falar algumas palavras pela Natureza, pela liberdade absoluta e o selvagem, em contraste à liberdade e cultura meramente civis.”⁹ (THOREAU, 2013, loc 7). Para o autor, o homem como parte da natureza opõe-se ao homem como parte da sociedade; a natureza seria, portanto, o não civilizado, o oposto ao ambiente criado ou transformado pelo homem, ou, na concepção do ecocrítico Scott Russell Sanders (1998), o oposto ao “mundo humano”.

A necessidade de definir *natureza* a partir da dualidade e oposição ao humano aponta para uma separação, ao menos filosófico-ideológica, entre homem e natureza. O ecocrítico Jonathan Bate observa que “[...] uma vez que você inventa a categoria do ‘humano’, você precisa fazer da ‘natureza’ o seu Outro.”¹⁰ (2011, loc¹¹ 656). E não seria essa natureza-outro o desconhecido a ser desbravado? O que viveria numa caverna escura longe da civilização? Não estaria essa mesma natureza cheia de tesouros que muitos personagens morreram tentando conquistar? Não guardaria ela suas preciosidades atrás de garras e dentes como os de um dragão? Não seria ela poderosa a ponto de causar, ao mesmo tempo, encanto e medo?

A aparência do dragão, desde as mais remotas narrativas, guarda semelhanças com os animais. Mesmo quando eram chamados de monstros, eles eram monstros compostos por partes de animais. Na literatura de história natural da Idade Média e nos relatos de viajantes, dragões estavam lado a lado com cobras, lagartos e outros animais considerados reais. Assim, é de se esperar que algo que parece um animal seja tratado como um, e, além disso, faça parte do que se opõe ao humano-familiar, ou seja, ao universo da natureza-outro.

Se, por um lado, a semelhança na aparência entre dragões e animais pode indicar pistas de um histórico das relações entre a representação do dragão e a relação do homem com a natureza; por outro, a forma como é representada o tratamento dado pelo homem a animais não humanos é, também, ponto de partida para compreender a suposta

⁹ “I wish to speak a word for Nature, for absolute Freedom and Wildness, as contrasted with a freedom and culture merely civil” (tradução nossa).

¹⁰ “Once you invent the category of the ‘human’, you have to make ‘nature’ its Other” (tradução nossa).

¹¹ A obra consultada é uma versão Kindle, por isso, não existe numeração de páginas, apenas a localização indicada aqui com a abreviação “loc.”.

dualidade homem-natureza. Dado que animais são considerados como parte da natureza, é dispensado a estes o mesmo tipo de tratamento que o homem direciona ao meio natural.

Como aponta Campbell (2011), na Antiguidade, os animais, assim como dragões, eram considerados divindades. Posteriormente, eles foram vistos apenas como serventes para o homem. Hoje, ambos perdem o aspecto místico e aceita-se que tenham um valor por si só, independentemente do mundo humano. Os reflexos da relação entre dragões e animais são recorrentes nas histórias de dragão de cada período, assim como as associações com elementos naturais. O dragão está ligado desde a mesopotâmica Tiamat¹² e o hebraico Leviatã¹³ com a água, a chuva, os trovões, os meteoros, as nuvens, a Lua, o mar. As histórias de dragão mais recentes, conforme será exemplificado a seguir, transformam-se e incorporam novas ideias que se formaram no imaginário coletivo acerca da natureza. Conforme a razão tornava-se um elemento indispensável para compreender os fenômenos naturais, também os dragões poderiam ser tratados a partir de critérios supostamente racionais como sua suposta compreensão por meio da razão e posterior domínio pela força, domesticação, extinção, modificação genética, ecologia e proteção do meio ambiente, como mencionado anteriormente

Se, nas narrativas, é possível flagrar um paralelo nas relações entre homem e dragão, e homem e natureza, conforme afirma Smith (2007, loc 1977), também o dragão representaria um obstáculo ao desejo mais radical de controle da natureza pelos humanos, ou seja, a capacidade de impedir a própria morte. O autor acredita que o mito do dragão nasceu justamente da busca pela imortalidade, e imortalidade seria a batalha contra a manifestação natural da morte e, portanto, contra a própria natureza e biologia do corpo. Assim, essa busca representaria o desejo de o homem controlar, ao máximo, a natureza, o que enfatizaria ainda mais a oposição entre civilização e natureza. Essa tensão pode ser observada já nos primeiros mitos de dragão: Tiamat é destruída para que o mundo humano possa ser criado; Leviatã é destruído para que o reino dos céus possa ser alcançado.

Também nessa esteira, para o mitólogo Mircea Eliade (1987), a vitória sobre o dragão nos mitos criacionistas representa a vitória sobre o caos, que é uma ameaça à civilização. O extermínio e a destruição de uma cidade por invasores, por exemplo,

¹² Tiamat é a personificação do caos e dos mares na mitologia babilônica. Ela precisa ser destruída pelo Deus Marduk para que o mundo dos homens seja criado.

¹³ Leviatã é o monstro marítimo mencionado no *Livro de Jó* da Bíblia hebraica e no *Livro de Enoque*. Ele precisa ser destruído por Deus no final dos tempos para que se estabeleça o reino dos céus.

afirma o autor, é o retorno ao caos primordial, logo, a vitória sobre o invasor significa a vitória contra o dragão, que, como Tiamat, o caos, é “[...] o símbolo da água cósmica, da escuridão, da noite e da morte – resumindo, do amorfo e virtual.” (1987, p. 48).

Para o pesquisador, todo mito é um mito de criação, seja de um mundo ou de um ambiente específico, e, portanto, inevitavelmente refere-se à realidades. Foi só no século XIX que mito se tornou sinônimo de “ficção”, pois, antes disso, era considerado uma história real, “[...] uma história que é uma possessão preciosa porque é sagrada, exemplar, significativa.” (ELIADE, 1963, p. 1). O mito busca dar sentido ao real e oferecer modelos para o comportamento humano, assim, baseia-se no imaginário de sua cultura de origem acerca da realidade, ou, no caso dos dragões aqui explorados, da natureza.

Para Campbell (2011, loc 771), o mito tem quatro funções: (1) mística, que seria a experiência de se maravilhar com os mistérios do universo; (2) cosmológica, na qual se encontra a ciência e a busca por dar forma e compreender o universo sem, entretanto, realmente conseguir, ressaltando novamente a sensação de mistério; (3) sociológica, que valida e mantém a ordem social, variando de cultura para cultura; e (4) pedagógica, que ensina como viver a vida humana. A partir da perspectiva de Campbell, portanto, o mito pode representar o pensamento social, além do aspecto pedagógico humano, e sua caracterização narrativa está parcialmente condicionada ao tempo e à sociedade correntes. Campbell observa que “[...] os mitos estão tão intimamente conectados à cultura, tempo e espaço a ponto de, a não ser que os símbolos, as metáforas, sejam mantidos vivos por meio de recriação constante pelas artes, a vida simplesmente esvai-se deles.” (2011, loc 1292) . É por meio dessa recriação constante que os dragões se transformaram da imensa Tiamat ao pequenino Toothless de *How to train your dragon* (2003)¹⁴, assim como aconteceu com a separação do homem e da Mãe Natureza.

Porém, a narrativa de *How to train your dragon* é melhor classificada como uma obra literária de ficção e não necessariamente um mito, conforme a definição de Eliade. Dragões começaram sua jornada como mito, mas, assim como o conteúdo da narrativa, o que é considerado mito e a forma de contar histórias mudam com a própria sociedade. De desenhos em cavernas a xamãs iluminados pela luz da fogueira, de runas em pedras

¹⁴ Obra de Cressida Cowell, publicada em 2003, que deu origem à série de homônima. Na narrativa, a maioria dos dragões tem o tamanho de cachorros e medo de humanos, o que os torna, inclusive, submissos a eles. No *Enuma Elish*, por outro lado, Tiamat tem imensas proporções e torna-se implacável em um acesso de raiva, matando os próprios descendentes e só é aniquilada pela força de um dos mais poderosos deuses, Marduk.

ao texto digital, ou, ainda, o cinema, cada sociedade narra suas histórias de forma diferente e considera míticos diferentes símbolos, adequando-se à cultura e às tecnologias correntes.

Os dragões medievais¹⁵ do poema *Beowulf*, da mitologia nórdica e da narrativa sobre São Jorge perdem a característica de mito e enquadram-se melhor na definição de lenda. A lenda, segundo os irmãos Grimm, é histórica, lida com o familiar, “[...] tal como um local ou um nome que foi mantido vivo ao longo da história.” (apud KRAPP, 1988, p. 7). Para o folclorista Tangherlini (1990), a lenda é uma narrativa historicizada que surge da imaginação e das crenças do povo, mantendo vivas suas tradições e valores por meio de uma representação simbólica da realidade. É por meio dessa simbologia que o dragão sustenta sua associação com a natureza dos séculos X a XIII, sendo representado de forma semelhante a um animal selvagem, vivendo em cavernas, isolado da civilização humana.

A partir da ascensão do romance no século XVIII, os “[...] romancistas passam a dar mais atenção ao indivíduo particular do que era comum antes.”¹⁶ (WATT, 2000, loc 254). Assim, o romance destaca a experiência pessoal e os dragões tornam-se personagens cada vez mais complexos. Eles passam de monstros ou animais pouco definidos como Leviatã e Tiamat, frequentemente sem nome próprio como nas lendas de São Jorge e de *Beowulf*, a criaturas com personalidade estabelecida e única, com descrições mais longas em obras de ficção, tanto físicas quanto psicológicas, como Smaug em *The Hobbit*, Saphira em *Eragon*, Kalessin e Orm Embar em *Earthsea*, Toothless em *How to train your dragon*.

Independentemente do formato, histórias estão conectadas à realidade de seu tempo. Segundo Antonio Candido, a literatura é “[...] um produto social, exprimindo condições de cada civilização em que ocorre.” (2006, p. 29). O autor identifica que o meio age e condiciona o escritor em graus menores ou maiores e que essa é a própria natureza da obra, o que não depende do quão consciente artista e público sejam a respeito. Candido (2006) defende que a arte passa por quatro etapas de produção. Primeiro, o artista orienta seu impulso pessoal em produzir a arte de acordo com os padrões de sua época; segundo, o artista escolhe os temas; terceiro, dispõe esses temas em determinadas formas; por fim, quarto, o resultado age sobre o meio. A essência das

¹⁵ Conforme mencionado anteriormente, tais dragões são vencidos pela força dos heróis das narrativas, pois ameaçam com sua selvageria a ordem e a segurança de um reino, cidade ou região.

¹⁶ “novelists paid greater attention to the particular individual than had been common before” (tradução nossa).

primeiras etapas está justamente na influência de fatores socioculturais sobre o artista, enquanto a última está na aceitação e consolidação (ou não) da obra pelo receptor, o que pressupõe ao menos algum grau de consonância com o meio (CANDIDO, 2006).

A partir dessa análise, pode-se inferir que as narrativas, principalmente aquelas que foram aceitas e consumidas por um grande público, podem refletir a percepção e o pensamento de uma sociedade, inclusive no que tange sua relação com a natureza. O ecocrítico William Howart reconhece que

[...] textos de fato refletem como uma civilização vê sua herança natural. Conhecemos a natureza por meio de imagens e palavras, um processo que torna a questão da verdade na ciência ou na literatura inescapável, e quer encontremos validação por dados ou metáforas, as duas formas de análise são paralelas. (1998, p. 77).¹⁷

Assim, seria nas imagens e palavras, nas histórias que elas formam e vêm contando ao longo do tempo, que se encontraria o ponto de convergência entre mito, lenda e literatura. Transitar pelas histórias do homem, em qualquer formato ou suporte, é transitar pela própria história da humanidade.

Ursula K. Le Guin expande a definição de mito como sonho, incluindo também a fantasia, justificando que ambos “[...] causam um curto-circuito na razão.”¹⁸ (1986, p. 52) e alcançam os pensamentos mais profundos, levando à compreensão de si e da realidade. Para Le Guin, “[...] a história [...] é uma das ferramentas básicas inventadas pela mente humana, com o objetivo de adquirir conhecimento. Existiram grandes sociedades que não usaram a roda, mas não existiram sociedades que não contassem histórias.”¹⁹ (1986, p. 25).

A autora defende que, por esse motivo, a ficção não só é necessária para a formação do homem, como também é, acima de tudo, o caminho para a percepção, compaixão e esperança (LE GUIN, 1986). O escritor de fantasia, “[...] quer use os arquétipos antigos de mito ou lenda ou os mais recentes da ciência e tecnologia, pode

¹⁷ “texts do reflect how a civilization regards its natural heritage. We know nature through images and words, a process that makes the question of truth in science or literature inescapable, and whether we find validity through data or metaphor, the two modes of analysis are parallel” (tradução nossa).

¹⁸ “they short-circuit verbal reasoning” (tradução nossa).

¹⁹ “the story [...] is one of the basic tools invented by the human mind, for the purpose of gaining understanding. There have been great societies that did not use the wheel, but there have been no societies that did not tell stories” (tradução nossa).

estar falando tão sério quanto qualquer sociólogo [...] sobre a vida humana, e como ela pode ser vivida, e como ela deve ser vivida.”²⁰ (1986, p. 48).

Observa-se que, assim como qualquer outra história, o fato de que narrativas de dragão tenham se adaptado e reestruturado com o tempo não é um acaso, nem o são suas recorrentes associações e, à primeira vista, aparentes “coincidências” com o pensamento social sobre o ambiente e a natureza. Dragões, de fato, acompanharam as transformações da humanidade e, em sua condição metafórica de testemunhas da civilização humana, possivelmente podem causar um curto-circuito na razão e atingir os pensamentos humanos mais profundos.

2 Dragões e ecologia humana

O imaginário acerca de dragões acompanhou o pensamento humano sobre a natureza e o selvagem, portanto, para compreender tais transformações é necessário olhar para as mudanças na ecologia humana e perceber as principais curvas que foram se formando nesse fio pelos últimos milênios. Dois dos dragões mais antigos de que se tem registros são a mesopotâmica Tiamat²¹, do *Enuma Elish*, de, no mínimo, dois milênios antes de Cristo (KING, 1902), e Leviatã²² do *Livro de Jó*, século VI A.C., da Bíblia Hebraica. Ambos representam o caos, vivem na água e só podem ser derrotados por deuses.

À época, na Antiguidade, o homem vivia uma relação mítica com a natureza. Os primeiros caçadores normalmente veneravam algum tipo de divindade animal, influenciados pela culpa por matar a presa (CAMPBELL, 2011, loc 1547) e, com o desenvolvimento da agricultura, os ancestrais humanos começam a desenvolver símbolos e cultos para a Mãe Terra também (ELIADE, 1987). Entretanto, desde o Pleistoceno, pairava sobre o homem a consciência de ser carne e o medo de ser comido (TROUT, 2011, loc 76), além do temor pela própria mortalidade e o afastamento das demais criaturas, o que levou ao que Harrison (1993) considera uma relação traumática com a natureza desde as religiões mais arcaicas.

²⁰ “whether they use the ancient archetypes of myth and legend or the younger ones of science and technology, may be talking as seriously as any sociologist [...] about human life and as it might be lived, and as it ought to be lived” (tradução nossa).

²¹ Tiamat, uma fêmea, tem o corpo escamoso e alongado. Ela é destruída em batalha por Marduk, um deus, para que ele possa dar origem ao novo mundo e ao homem.

²² Leviatã tem o corpo de uma serpente de grandes proporções e vive no mar, mas cospe fogo e tem um couro de escudos impenetrável pelo aço e por qualquer arma humana.

Esse trauma está refletido tanto na mitologia babilônica com a *Epopéia de Gilgamesh* quanto na Bíblia hebraica, em que a natureza é vista como antagonista. De fato, antes da civilização, existia a floresta, e ela era vista como antecedente e matriz do mundo humano desde o princípio das sociedades, só sendo possível desenvolver grandes cidades ao enfrentá-la e superá-la (HARRISON, 1993). Portanto, a partir dessa dualidade da natureza como sagrado e antagonista, surgem os deuses que controlam forças naturais, como Marduk, com seus ventos e raios, ou Yaweh, com seu fogo e dilúvio. Por consequência, tornam-se ambos os primeiros matadores do adversário da civilização, a ameaça selvagem que o homem sozinho ainda não pode vencer, o dragão.

A partir de 500 A.C., tais ideias começam a mudar. À época de Buddha, Pitágoras, Confúcio e Lao-Tzu, o homem começa a dominar os poderes animais e dar lugar à razão, deixando de ser controlado pelas analogias da terra (CAMPBELL, 2011, loc 725). Porém, o que vence a razão é a paixão – e a principal paixão na política, defende Campbell (2011, loc 735), é a ganância. Não surpreendentemente, alguns séculos depois, a ganância passa a ser o principal atributo do dragão, tanto nas narrativas de *Beowulf* e São Jorge, quanto na *Volsunga Saga*, em que é justamente por ganância que o personagem Fafnir se transforma em dragão. E os dragões das três lendas são mortos por grandes heróis sobre-humanos.

A natureza, nesse período, continuava sendo vista como cruel, uma ameaça à civilização que precisava ser controlada e vencida, mas agora por heróis humanos e não apenas deuses. Na Idade Média, a floresta era o ambiente daqueles que estavam fora da sociedade, os criminosos, loucos, leprosos; o próprio termo floresta, do período merovíngio, vem do latim *foris*, “externo” (HARRISON, 1993, p. 69). Acreditava-se que era impossível permanecer “humano” na floresta, ela extirpava o homem de sua civilização, sendo a morada das bestas, demônios, fadas, espíritos, feiticeiros, druidas (HARRISON, 1993). O homem que adentrava a floresta e superava-a, vencida a própria natureza bestial, emergia dela como herói, regenerando as forças da ordem social, como o herói Sigmund na *Volsunga Saga*.

Florestas classificavam-se como *foris* também no sentido de fora dos limites, pois eram, por lei, reservadas para o prazer e recreação exclusivos do monarca (HARRISON, 1993). Ou seja, apenas o rei podia caçar nos bosques medievais e o infrator era severamente punido com cegueira ou castração. Considerando a natureza como antagonista, a proibição explica-se dado que “[...] a caçada ritualiza e reafirma a antiga essência do rei como civilizador e conquistador da terra [...], reencenando, de

forma meramente simbólica, a conquista histórica sobre a natureza selvagem.” (HARRISON, 1993, p. 74). É sustentado por essa lógica que o herói medieval, aquele que, como o monarca, está acima do indivíduo comum, vence seu dragão.

Por fim, é necessário considerar que o pensamento medieval tem suas raízes no Catolicismo, para o qual a natureza existe apenas para servir e ser dominada pelo homem (THOMAS, 1984), em que a domesticação é vista como boa para os animais por “civilizá-los” (THOMAS, 1984, p. 20), em que o próprio símbolo do Mal é o dragão (BÍBLIA, Apocalipse 12). De acordo com o Catecismo da Igreja Católica (CATECHISM OF THE CATHOLIC CHURCH, 1993), o homem está acima das plantas e animais, que foram criados para seu usufruto. Essa segregação e a visão da natureza como cruel, além da crença na Terra como exílio e punição, permitiam todo tipo de devastação ambiental e crueldade com animais, sendo que o sexto mandamento, “não matarás”, é interpretado como válido apenas para vítimas humanas.

Os dragões medievais sequer têm nome ou fala (exceto por Fafnir, que era originalmente um homem), eles só retomariam seu direito à fala e à identidade no século XX. No Iluminismo, foi a razão que passou a separar o homem da “besta”, animais eram considerados irracionais e até autômatos, máquinas não sencientes, o que permitia que fossem usados, explorados e até cortados vivos pela ciência (THOMAS, 1984). Depois, com o desenvolvimento das ciências naturais, quando ficou cada vez mais evidente que animais sentiam algo, a separação do humano passou a ser questão de grau, o homem sentia e racionalizava “mais” (THOMAS, 1984). A justificativa foi se transformando, a realidade, não.

O século XIX traria mais mudanças com a publicação de *A origem das espécies* de Darwin (1859), que ofuscou ainda mais a linha que havia sido erguida para diferenciar homens e animais, ao mesmo tempo em que permitiu uma compreensão diferente acerca da natureza, e a Revolução Industrial, que possibilitou o controle e consumo de recursos naturais em grande escala (BATE, 2011, loc 2686). É a partir desse contexto histórico que surgem os dragões que falam e são vencidos pela razão, como Smaug e Chrysophylax²³, de J. R. R. Tolkien, superados em astúcia por um *hobbit*

²³ Os dragões de Tolkien falam, são inteligentes, guardam tesouros, têm grandes proporções e alguns cospem fogo. Eles são essencialmente maus, de “[...] espírito horrível [...], cheios de malícia” (TOLKIEN apud LAKOWSKY, 2015, p. 85, tradução nossa), e tão perigosos que olhar nos olhos de um dragão pode ser fatal. Smaug é vencido com informações que o *hobbit* Bilbo adquire ao enganá-lo a mostrar sua barriga e Chrysophylax é “domado” por um fazendeiro que se passa por cavaleiro.

e um fazendeiro; e o dragão relutante de Kenneth Grahame que se salva por ser mais civilizado e racional que os outros de sua espécie.

Após a Segunda Guerra, em meio à corrida espacial, Anne McCaffrey publica o primeiro livro da série *Dragonriders of Pern* (1968), com dragões criados em laboratório que são usados de montaria por humanos em um planeta-colônia. Nesse período, o mundo passava por uma grande batalha polarizada pela conquista da natureza, agora para além da Terra, moldando recursos naturais para fins humanos. Mas é apenas em 1979, após o desenvolvimento do primeiro organismo transgênico em 1973 (RANGEL, 2015), que McCaffrey lança a obra *Dragonsdawn* usando a manipulação genética como explicação para seus dragões.

À mesma época, o movimento ecológico teve início com a publicação, em 1962, de *Silent Spring* (Primavera Silenciosa), de Rachel Carson (BATE, 2011). Assim, desencadeou-se a ascensão de uma nova consciência ecológica, com acordos internacionais pela proteção do meio ambiente – para citar alguns, a Declaração de Estocolmo sobre o Ambiente Humano, em 1972; a conferência da ONU Earth Summit (Eco-92), em 1992; o protocolo de Kyoto, em 1997, e o acordo de Paris, em 2015. Um dos argumentos do movimento ambientalista é que a humanidade não é o centro da vida no planeta, “[...] que toda a terra é parte de nosso ‘corpo’ e que precisamos aprender a respeitá-la como respeitamos a nós mesmos. Da forma como sentimos por nós, precisamos sentir por todas as formas de vida – as baleias, as focas, as florestas, o mar [...].”²⁴ (GREENPEACE *apud* WORSTER, 1993, p. 185).

Em 1975, com a publicação de *Animal liberation* (Libertação animal) por Peter Singer, o movimento pelos direitos animais também ganha força, e com ele as práticas de oposição à exploração e de incentivo ao respeito, como o veganismo. O movimento pelos animais é dividido entre bem-estarmistas, pessoas que defendem o uso “humanitário” de animais para fins humanos (REGAN, 2016), e direitos animais (abolicionistas), pessoas que defendem que animais existem para suas próprias razões e não devem ser escravizados por humanos, “[...] a verdade dos direitos animais requer jaulas vazias, e não jaulas mais espaçosas.” (REGAN, 2016, p. 12). Em meio à ascensão dos dois movimentos, Christopher Paolini publica o primeiro livro de seu *Inheritance*

²⁴ “Ecology teaches us that humankind is not the center of life on the planet. Ecology has taught us that the whole earth is part of our 'body' and that we must learn to respect it as we respect ourselves. As we feel for ourselves, we must feel for all forms of life - the whales, the seals, the forests, the sea...” (tradução nossa).

cycle (Ciclo da herança), que envolve a conexão com todas as formas de vida e inclui as temáticas de vegetarianismo e extinção.

3 Dragões e crianças

Após um percurso pelas cavernas de dragões do passado, é o momento de olhar para o presente e perceber os dragões que cercam as narrativas humanas de hoje. Surpreendentemente, os mais notáveis não são parte de nenhum mito ou lenda: os dragões contemporâneos estão vivendo confortavelmente e lado a lado com crianças na literatura infantil. Principalmente após o sucesso da adaptação para os cinemas de *How to train your dragon* (Como treinar o seu dragão) (2010), crianças têm brinquedos, cadernos, seriados de TV e brindes de lanchonete com a temática de dragões. Porém, o *Toothless* (Banguela) do filme da *Dreamworks*, em nada, ou quase nada, lembra os imensos e ferozes Tiamat e Leviatã que precisam ser derrotados.

Em verdade, livros canônicos da literatura infantil não envolvem matar ninguém, dragão ou não, há mais de um século. *Black Beauty* é um grande manifesto pelo respeito aos cavalos; *Beautiful Joe*, aos cães; *Mémoires d'un âne*, aos jumentos; *Charlotte's Web*, aos porcos; *Bambi* e as obras de Thornton Burgess, à vida selvagem; *Flower fables*, às plantas²⁵. E dragões não são exceção ao direcionamento de compaixão da literatura infantil, sendo alguns exemplos as obras *The reluctant dragon* (O dragão relutante), de Kenneth Grahame, de 1998; a trilogia de *My father's dragon* (O dragão de meu pai), de Ruth Stiles Gannet, de 1948-1951; *Die unendliche geschichte* (A história sem fim), Michael Ende, de 1979.

Assim, quando começa a ganhar voz e a ser compreendido, o dragão e sua criança desbancam o matador de dragões, dando lugar a um novo herói, que se populariza ainda mais no final do século XX e início do XXI, aquele que *salva* dragões. E frequentemente os salva de seres humanos – aqui, após vencer seus monstros selvagens no passado, é o próprio homem que se transforma em antagonista.

Dentre as obras mais recentes, podem exemplificar tal inversão: *Drachenreiter* (O cavaleiro do dragão), de 1997, em que o menino Ben precisa salvar dragões da destruição ambiental causada por humanos, e *Lesepiraten Champion – Der*

²⁵ *Black Beauty* (Beleza Negra), Anna Sewell, 1877. *Beautiful Joe* (Belo Joe), Margaret Marshall Saunders, 1893. *Mémoires d'un âne* (Memórias de um Burro), Condessa de Ségur, 1860. *Charlotte's Web* (A Teia de Charlotte), E. B. White, 1952. *Bambi*, 1923, Felix Salten. *Flower Fables* (Fábulas de Flores), Louisa May Alcott, 1854.

Mondscheindrache (O dragão do luar), de 2011, em que o jovem Patrick protege um dragão de um cavaleiro medieval, ambos de Cornelia Funke; a série de M. P. Robertson, que inicia com *The egg* (O ovo), de 2000-2009, na qual um menino precisa ensinar um dragão recém-nascido a vencer cavaleiros, salvar um filhote de uma bruxa e ovos de um feiticeiro; *How to train your dragon* (Como treinar o seu dragão), de Cressida Cowell, de 2003-2015, mencionado anteriormente, e especialmente sua adaptação para os cinemas (*Dreamworks*, 2010-2014); *Mimi and the mountain dragon* (Mimi e o dragão da montanha), Michael Mopurgo, de 2014, em que a pequena Mimi salva um filhote de dragão e mostra que dragões podem ser amigos em vez de inimigos do vilarejo; e o filme *Pete's dragon*, de 2016, da Walt Disney Studios, em que Pete ajuda a salvar o dragão Eliot e a floresta onde ele vivia.

Embora nem todos os dragões de narrativas infantis sigam um padrão, como o próprio Toothless, que é mais um animal de estimação do que uma criatura selvagem como o Elliot de *Pete's dragon*, existem muitas semelhanças. Estudiosos que analisaram o dragão de narrativas infantis e sua representação tão próxima de cães e gatos sugerem que o dragão tenha sido domado no século XX. Stein (1968) defende que foi o dragão relutante de Grahame e influências orientais que tenham iniciado a tendência de domesticar dragões, retratando-os como tímidos, amigáveis, úteis. A autora observa que

[...] eles podem ter sido reduzidos a coisas fofas na literatura porque não temos mais medo deles; estamos tão acostumados a ver imensos monstros mecânicos arando o solo, cavando a terra, atravessar nosso país e até lutar nossas guerras. Talvez, também, nesta época existam fenômenos mais assustadores que meros dragões.²⁶ (STEIN, 1968, p. 181).

Concordando com Stein, Hanlon (2003) defende que o dragão aparece hoje em três papéis principais em narrativas infantis. A primeira, em novas versões de narrativas medievais e religiosas, que servem hoje para convidar-nos “[...] a respeitar os poderes celestiais e da Mãe Terra que o dragão possui, que nos nutre ao mesmo tempo em que, por vezes, aterroriza.” (p. 10). A segunda, em contos de fadas antigos que são recontados até os dias de hoje. E a terceira, por fim, a mais popular, o dragão domado

²⁶ “They may have been reduced to bits of literary fluff because we are no longer afraid of them; we are so accustomed to seeing huge mechanical monsters till the soil, dig the earth, traverse our country, and even fight our wars. Perhaps, too, in this age there are more threatening phenomena than mere dragons” (tradução nossa).

das novas narrativas. Hanlon acredita que essa domesticação do dragão tenha se dado justamente pelas já observadas mudanças na relação entre homem e natureza. A autora observa ainda que

[...] conforme o conhecimento científico e tecnologias foram gradualmente permitindo identificar e afastar ou destruir qualquer grande criatura, e mudar ou danificar o ambiente natural do planeta todo, nós estamos menos inclinados a acreditar em um mal incorporado em forças naturais ou supernaturais, e mais propensos a reconhecer o poder destrutivo da ganância e orgulho humanos.²⁷ (HANLON, 2003, p. 18).

As duas autoras reconhecem mudanças importantes no imaginário coletivo que transformaram o dragão ao longo do último século, em consonância com as narrativas aqui mencionadas, em que o homem é o principal antagonista. E, pensando na domesticação, de fato existem semelhanças. Os cachorros, por exemplo, como os dragões, começaram sua jornada para a domesticação como inimigos do homem. Lobos e ancestrais humanos competiam por recursos, causando mortes de ambos os lados. Acredita-se que sejam os lobos que tenham decidido se aproximar, buscando comida nos restos deixados pelas pessoas, que, talvez simplesmente por sua tendência a cuidar de animais de estimação, começaram a dividir recursos com eles (BRADSHAW, 2012). Assim, as duas espécies iniciaram uma relação benéfica para ambos há pelo menos 15 mil anos.

As pessoas logo perceberam a utilidade de ter olhos e ouvidos lupinos por perto para alertá-los, protegê-los ou ajudá-los a caçar. A diferença entre ambas foi que o lobo não tentou deliberadamente moldar o homem, mas o homem moldou o lobo, selecionando quais indivíduos reproduziriam e quais seriam esquecidos. Logo, gerações e gerações de lobos dóceis foram se proliferando e se tornando os cachorros domésticos de hoje. Acredita-se que uma das principais características que possibilitou a domesticação do lobo seja sua identidade dual de ser parte canídeo e parte humano, podendo formar laços tanto com aqueles de sua espécie como com homens (BRADSHAW, 2012).

²⁷ “As scientific knowledge and technologies have gradually enabled us to identify and then drive away or destroy virtually any large creature, and to alter and damage the environment of the whole planet, we are less inclined to believe evil was embodied in mysterious natural and supernatural forces, more willing to acknowledge the destructive powers of human greed and pride” (tradução nossa).

Nesse sentido, dragões também foram domesticados. Inimigos em princípio, o homem foi percebendo a utilidade de ter asas e escamas de dragão por perto e passou a moldá-lo. O dragão cruel foi sendo esquecido e o novo dragão, o dócil, o amigo, a montaria, reproduzido cada vez mais. E dada a tendência de projetar no animal características humanas, como a ganância ou a fala, pode-se dizer que o dragão também tenha uma identidade dual. Porém, as semelhanças terminam por aí. Dragões, ao contrário dos cães, não dependem do homem, mesmo os mais mansos da literatura infantil mantêm sua essência selvagem, seu final feliz para sempre é viver em liberdade, longe do perigo humano, com outros de sua espécie.

Considerações finais

Portanto, dragões talvez não tenham sido domados ou domesticados como sugerem alguns autores, talvez o que tenha sido de fato domesticado é o imaginário do homem acerca do selvagem. Ao superar a imagem antropocêntrica medieval, o homem pode ter percebido que não existem tantas diferenças entre a floresta antes temida e o cachorro e o gato com quem divide a casa, selecionando qual pensamento seria reproduzido e qual seria esquecido. E, como indicam as narrativas infantis mencionadas, a imagem reproduzida é a da natureza que pode ajudar e ser ajudada, da qual se depende ao mesmo tempo em que se deve deixar livre para viver longe da ameaça humana.

Observa-se que os olhos do dragão vêm, de fato, refletindo transformações da humanidade há no mínimo quatro milênios. Dragões viram, da Antiguidade ao século XXI, a natureza ser temida, dominada, controlada, destruída, protegida. Os reflexos em seus olhos podem ser perigosos sim, mas não por uma maldição ou magia, e, sim, pela sabedoria milenar que contêm. E talvez pela crítica que impõem: conta-se às próximas gerações que a natureza precisa ser salva do homem para poder viver. Porém, mesmo repassando essa consciência há pelo menos um século para as crianças, não se assume de fato, para a geração atual, a responsabilidade ambiental urgente.

Continua-se matando e usando dragões. Uma mudança nos hábitos da sociedade leva tempo, o que, entretanto, não faz a luta contra a injustiça menos urgente. A mudança frequentemente vem tarde demais. Da mesma forma que para muitas florestas devastadas e animais enjaulados, já é tarde demais. A questão não é mais sobre conectar-se a dragões e conduzi-los para batalhas humanas, é sobre aprender que talvez eles não tenham nada a ver com a humanidade, eles podem estar apenas querendo,

desde que começaram a ser caçados milênios atrás, voltar para a floresta selvagem para viver com os outros de sua espécie. E para cada um deles, é uma questão urgente.

REFERÊNCIAS

BATE, J. *The Song of the Earth*. Versão Kindle: Picador, 2011.

BÍBLIA. Português. *Bíblia de Jerusalém*. Paulus editora, 2014.

BRADSHAW, J. *Cão Senso*. Rio de Janeiro: Record, 2012.

CAMPBELL, J.; MOYERS, B. *The power of myth*. Versão Kindle: Anchor, 2011.

CANDIDO, A. *Literatura e sociedade*. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2006, 9. ed.

CATECHISM OF THE CATHOLIC CHURCH. Citta del Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 1993. Versão on-line. Disponível em:
<http://www.vatican.va/archive/ENG0015/_INDEX.HTM> Acesso em: 10 out. 2018.

ELIADE, M. *The sacred and the profane*. Translated by Willard R. Trask. New York: Harvest, 1987.

HANLON, T. L. The Taming of the Dragon in Twentieth Century Picture Books. *Journal of the Fantastic in the Arts*, v. 14, n. 1 (53), 2003, p. 7-26. Disponível em:
<www.jstor.org/stable/43321452> Acesso em: 10 out. 2018.

HARRISON, R. P. *Forests: the shadow of civilization*. Chicago: The University of Chicago Press, 1993.

HOWARTH, William. *Some principles of ecocriticism*. In: GLOTFELTY, C.; FROMM, H. *The ecocriticism reader: landmarks in literary ecology*. University of Georgia Press, 1996.

KING, L. W. Preface. In: *The seven tablets of creation*. Trad. Leonard William King. Versão digital: Sacred-texts.com, 1902.

KRAPF, N. *Beneath the Cherry sapling: legends from Franconia*. Fordham Univ Press, 1988.

LE GUIN, U. K. *The language of the night: essays on fantasy and science fiction*. London: The Woman's Press, 1986.

RANGEL, G. From Corgis to Corn: a brief look at the long history of GMO Technology. *Science in the News* (website). August, 2015. Disponível em:
<<http://sitn.hms.harvard.edu/flash/2015/from-corgis-to-corn-a-brief-look-at-the-long-history-of-gmo-technology/>> Acesso em: 10 out. 2018.

REGAN, *Jaulas vazias: encarando o desafio dos direitos animais*. Porto Alegre: Lugano, 2006.

SANDERS, S. R. Speaking a word for nature. In: GLOTFELTY, C.; FROMM, H. *The ecocriticism reader: landmarks in literary ecology*. University of Georgia Press, 1996.

SMITH, G. E. *The evolution of the dragon*. Manchester: University Press, 1919. Versão Kindle: Project Gutenberg, 2007.

STEIN, R. M. The changing styles in dragons – from Fáfnir to Smaug. *Elementary English*, v. 45, n. 2, 1968, p. 179-189. Disponível em: <www.jstor.org/stable/41386292> Acesso em: 10 out. 2018.

THANGHERLINI, T. R. It happened not too far from here...: A survey of legend theory and characterization. *Western Folklore*, v. 49, N. 4 (Oct., 1990), p. 371-390. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/1499751>> Acesso em: 10 out. 2018.

THOMAS, K. *Man and the natural world: changing attitudes in England 1500-1800*. London: Penguin Books, 1984.

THOREAU, H. D. *Walking*. [1862]. Versão Kindle: Project Gutenberg, 2013.

TROUT, P. A. *Deadly powers: Animal predators and the mythic imagination*. Versão Kindle: Prometheus Books, 2011.

WATKINS, C. *The american heritage dictionary of Indo-European roots*. Boston: Houghton Mifflin Harcourt, 2000.

WORSTER, D. *The wealth of nature: environmental history and the ecological imagination*. New York: Oxford University Press, 1993.

Data de submissão: 12/01/2018

Data de aprovação: 12/06/2018